



MAIS AMOR, POR FAVOR: O DISCURSO DE ÓDIO NAS REDES SOCIAIS E A CONSEQUENTE VIOLÊNCIA CONTRA TRANSEXUAIS

MORE LOVE, PLEASE: THE DISCOURSE OF HAT ON SOCIAL NETWORKS AND THE CONSEQUENT VIOLENCE AGAINST TRANSEXUALS

Kaoanne Wolf Krawczak ¹
Juliana Oliveira Santos ²

RESUMO

No presente artigo será abordada a questão dos discursos de ódio praticados nas redes sociais contra os transexuais. A escolha do tema foi motivada pelos inúmeros casos de violências contra os transexuais advindos dos discursos de ódio nas redes sociais. A partir disso o objetivo desse trabalho é tratar sobre os discursos de ódio contra os transexuais e a consequente violência que advém destes comportamentos preconceituosos que a cada dia vitimizam mais sujeitos. Para a realização dos objetivos utilizou-se do método hipotético-dedutivo, através de revisão bibliográfica. De modo que foi possível concluir que os discursos de ódio contra transexuais estão ultrapassando as barreiras digitais e se tornando recorrentes na prática. Conforme dados do mais recente levantamento do Grupo Gay da Bahia (GGB), a cada 25 horas 1 transexual é morto no Brasil, o que nos leva a ressaltar que o Brasil é o país que mais mata LGBT's no mundo.

Palavras-chave: direitos humanos; discursos de ódio; redes sociais; transexuais.

ABSTRACT

There is no previous information about social networks, as most of the time, as victims as minors. Thus, our objective is to deal with hate speeches against transsexuals and the consequent violence that comes from the preconceivable behaviors that daily victimize more subjects. To achieve these objectives, use the hypothetical-deductive method, through the bibliographic review. Thus, from these studies it was possible to conclude that hate speech against transsexuals is surpassing as digital barriers and becoming recurrent in practice. While, according to data from the most recent survey of the Gay Group of Bahia (GGB), every 25 hours 1 transsexual is killed in Brazil, which leads us to emphasize that Brazil is the country that kills LGBT minorities in the world.

Keywords: human rights; hate speech; networks; transsexuals.

¹ Bolsista Integral CAPES e Mestranda no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Direito - Curso de Mestrado em Direitos Humanos pela UNIJUÍ. Bacharel em Direito pela UNIJUÍ. Email: kaoanne.krawczak@gmail.com

² Bolsista Taxa CAPES e Mestranda no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Direito - Curso de Mestrado em Direitos Humanos pela UNIJUÍ. Bacharel em Direito pela UNICRUZ. Email: julianaoliveirasantos@yahoo.com.br



INTRODUÇÃO

O artigo em questão visa trazer à luz as manifestações via redes sociais, as quais são diariamente realizadas de forma odiosa, por milhares de internautas. Negros, mulheres, deficientes físicos, bem como a população LGBT sofrem cotidianamente uma avalanche de comentários onde o ódio e o preconceito são alavancados, sem que haja, na maioria dos casos a devida punição.

No Brasil, onde mais morrem travestis e transexuais no mundo, e nas redes sociais a disseminação do preconceito e a “violência invisível” são corriqueiras. Mulheres e homens transexuais são vítimas de internautas que escondem seu preconceito e sua transfobia atrás de uma tela de computador. Tanto na sociologia, bem como na Literatura, o brasileiro foi chamado diversas vezes de cordial e hospitaleiro, contudo, nas redes sociais não é isso o que em regra acontece. Os discursos de ódio e a incitação à violência, além da falta de responsabilidade e humanidade ao lidar com a diferença, faz com que muitos internautas acabem agindo de forma preconceituosa, dizimando comentários corrosivos, ofensivos e gratuitos que mostram como a educação e os bons princípios estão perdendo para a onda de ódio e violência atual.

Desta forma o presente artigo tratará a questão dos discursos de ódio praticados nas redes sociais, em especial os discursos ofertados às pessoas trans. Para a realização deste utilizou-se do método hipotético-dedutivo, através de revisão bibliográfica, sendo que o artigo em questão divide-se em dois tópicos, quais sejam: o discurso de ódio nas redes sociais contra as minorias, e o discurso de ódio nas redes sociais e a consequente violência contra transexuais.

1 O DISCURSO DE ÓDIO NAS REDES SOCIAIS CONTRA AS MINORIAS

Um dos maiores marcos do século XX foi o surgimento e a disseminação da , a rede mundial de computadores. Assim, conforme Cordeiro³, com a “praticamente todos os tipos de interação humana foram dinamizados e acelerados, sendo responsável por novos tipos de relações sociais e comerciais”. O impacto e a influência da nos últimos anos são

³ CORDEIRO, Marina. O desvio social na rede mundial de computadores. E-GOV: UFSC, abr 2012. Disponível em: <<http://www.egov.ufsc.br:8080/portal/conteudo/o-desvio-social-na-rede-mundial-de-computadores>>. Acesso em 14 set 2017.



8 a 10 de novembro de 2017 - Santa Maria / RS

UFSM - Universidade Federal de Santa Maria

consideráveis, e o Brasil, particularmente, é um fenômeno mundial no que diz respeito à utilização da rede mundial de computadores.

Com base nos dados do Ibope⁴

o Brasil terminou o ano de 2009 com 66,3 milhões de pessoas acessando a rede mundial. Não apenas isso, mas é um dos países onde se passa mais tempo online. Os brasileiros acessam em média 44 horas por mês, ficando a frente dos Estados Unidos, com 40 horas, da Austrália, com 39 horas, e do Reino Unido, com 37 horas. Se contarmos o uso de aplicativos, essa média subiu para 66 horas em dezembro de 2009.

Com o aumento da tecnologia a serviço da comunicação, o fácil acesso da sociedade a grandes quantidades de informação vem crescendo de forma incalculável, e pode-se inferir que grande parte desse fácil acesso foi alavancado pelo surgimento e explosão da . Assim, segundo Wurman⁵,

A explosão da informação não ocorreu apenas devido a um volume maior de informação. Avanços na tecnologia de transmissão e de armazenamento também influem. Somos afetados tanto pelo fluxo quanto pela produção de informação.

Ao passo que em 2008, O Comitê Gestor da no Brasil revelou a “existência de 60 milhões de usuários de computadores no Brasil (38% da população) e 54 milhões de usuários de (34% da população)”⁶. Assim, “o Brasil é considerado o sexto maior usuário mundial de ”⁷.

Entretanto, as tecnologias, a comunicação e as emergentes relações de sociabilidade certamente não são as únicas, mas sim as mais visíveis características do nosso tempo. De modo que as redes sociais digitais despertaram novos fenômenos nas modalidades de “comunicação e interação entre as pessoas e as informações que são propagadas, adaptadas e configuradas para seus receptores, contudo, os novos mecanismos de comunicação não deixaram de atuar e constituir-se como ambiente de trocas e

⁴ idem

⁵ WURMAN, R. S. **Ansiedade de informação**: como transformar informação em compreensão. São Paulo: Cultura, 1991.

⁶ CORDEIRO, Marina. O desvio social na rede mundial de computadores. E-GOV: UFSC, abr 2012. Disponível em: <<http://www.egov.ufsc.br:8080/portal/conteudo/o-desvio-social-na-rede-mundial-de-computadores>>. Acesso em 14 set 2017.

⁷ idem



mediação social”. Assim, segundo Thompson, a mídia é constituída através de seu poder simbólico, e pode ser caracterizada pela “capacidade de intervir no curso dos acontecimentos, de influenciar as ações dos outros e produzir eventos por meio da produção e da transmissão de formas simbólicas”⁸. Através das concepções de Bauman⁹, quando se afirma que os acontecimentos no mundo contemporâneo se tornaram transitórios, fluidos e nômades, podemos utilizar as ideias de Thompson¹⁰ em relação ao poder simbólico da mídia para caracterizar a pluralidade dos arranjos das mídias sociais pós-modernas.

Assim, com o crescimento gradual do uso das redes sociais conectadas à possibilitou-se novas formas e processos de comunicação. Neste contexto, algumas práticas sociais afloraram no universo das redes on-line. Entre elas, a violência simbólica que, nas palavras de Bourdieu, é uma “violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento”¹¹. Ao passo que, utilizar as redes sociais parece inofensivo para alguns usuários, porém, a incitação à violência no Facebook - uma rede social que tem a possibilidade de alcançar milhões de pessoas -, pode ser capaz de transformar a realidade de determinados indivíduos, algumas vezes, de forma irreversível, a construção de uma cidadania e de uma sociedade igualitária e justa.

Ao passo que na sociedade pós-moderna com valores líquidos e mutáveis¹², a violência se faz visível nos mais diversos níveis sociais. Tudo isto implica em “um novo tipo de relacionamento do indivíduo com referências concretas ou com o que se tem convencionalmente designado como verdade, ou seja, uma outra condição antropológica”¹³. Essa nova realidade que se apresenta é marcada pela otimização de interações propiciadas pelas mídias sociais, denominadas por Sodré de tecnocultura, a qual é caracterizada pelo consumismo, individualismo e surtos homofóbicos, xenofóbicos, misóginos e racistas, ou

⁸ THOMPSON, J. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Tradução: Wagner de Oliveira Brandão. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

⁹ BAUMAN, Z. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

¹⁰ THOMPSON, J. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Tradução: Wagner de Oliveira Brandão. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

¹¹ BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.

¹² BAUMAN, Z. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

¹³ SODRÉ, M. **Antropológica do espelho**: uma teoria da comunicação linear e em rede. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.



seja, uma transformação das formas tradicionais de sociabilização, aliada a uma nova tecnologia perceptiva e mental. Ao passo que, certos grupos se encontram em posições de maior vulnerabilidade, pois “uma das causas centrais da violência na contemporaneidade é a negação da diferença. O não reconhecimento do outro como pessoa”¹⁴.

É nesse processo que se delinea na contemporaneidade, portanto, que vemos a intersecção de fatores como experiência, valores, crenças dos atores que estão engajados em processos de interação mediada em ambientes virtuais. Com base nisso, o aspecto, sobretudo, da dificuldade da aceitação do outro e da projeção do outro como dissidente, que são parte de práticas hegemônicas e consolidadas no tecido social, é aquele que o nosso olhar e recortes contemplam, à medida que cremos ser necessário problematizar as questões relativas a essa eticidade e a tais modalidades de mediação.¹⁵

Com o crescimento gradual do uso da , que revolucionou as maneiras do ser humano se comunica, ganharam destaque as redes sociais, devido a facilidade de divulgação de conteúdos. Entre as redes sociais mais populares no Brasil - e no mundo -, se encontra o Facebook, inventado “em 2004 por David Zuckeberg, acidentalmente depois que ele invadiu os computadores da Universidade de Harvard em busca de fotos das alunas. Depois de uma suspensão de seis meses, ele aperfeiçoou a rede tal como a conhecemos hoje”¹⁶.

Hoje, o Facebook tem 1,23 bilhão de usuários, recebe diariamente 4,75 bilhões de conteúdos, fatura 7,8 bilhões de dólares ao ano e possui 6.336 funcionários espalhados em 36 escritórios ao redor do planeta. Nessa década, chegou aonde nenhuma outra rede virtual ousou ir (MySpace que o diga...) e superou grandes desafios, como a migração acelerada dos usuários dos tradicionais desktops para os dispositivos móveis.¹⁷

¹⁴ MAGALHÃES, José Luiz Quadros de; SOUZA, Tatiana Ribeiro. Violência e modernidade. In: ROSÁRIO, Ângela Buciano; KYRILLOS NETO, Fuad; MOREIRA, Jacqueline de Oliveira (Org.). **Faces da violência na contemporaneidade: sociedade e clínica**. Barbacena: EdUEMG, 2011.

¹⁵ SILVA, Rosane Leal da; NICHEL, Andressa; MARTINS, Anna Clara Lehman; BORCHARDT, Carlise Kolbe. Discurso de ódio em redes sociais. **Revista de Direito FGV**, São Paulo, n. 7, v. 2, jul./dez 2011. Ps 445-468.

¹⁶ ALVES, Carlos Jordan Lapa; MOURA, Sérgio Arruda de. Facebook como panóptico moderno: como a vontade de controle emana do indivíduo. XIII EVIDOSOL e X CILTEC Online, Universidade Estadual do Norte Fluminense jun/2016. Disponível em: <<http://evidosol.textolivre.org>>. Acesso em: 15 set 2017.

¹⁷ VEJA ONLINE (Brasil). Facebook, 10 anos. 2014. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/reportagens-especiais/10-anos-facebook/>> Acesso em: 17 set 2017.



De acordo com matéria publicada pela site G1 em abril de 2016

O Facebook anunciou nessa quarta-feira (27) que a rede social é acessada por um bilhão de usuários de todo o mundo todos os dias. Os dados são referentes ao primeiro trimestre de 2016 e constam do balanço financeiro da empresa, que também apontam o número de adeptos de outros aplicativos, como os serviços de bate-papo WhatsApp e Messenger, além da rede social de fotos Instagram. O número de usuários diários do Facebook aumentou 16%, com a adesão das pessoas aos aparelhos móveis. No ano passado, a rede social comemorou ter conectado mais de bilhão de usuários em um único dia, mas somente neste trimestre esse nível de acesso foi constante.¹⁸

De forma que o crescimento do uso do Facebook no Brasil, nos últimos anos, trouxe novos aspectos e problemáticas para os processos de comunicação e para os discursos que precisam e clamam por serem analisados. Esses novos contextos permitem, também, que novas e antigas práticas sociais se fortaleçam e se popularizem nas redes sociais.

Entretanto, apesar do mundo virtual servir como mecanismo privilegiado de projeção do ser humano, tal qual um espelho, ele também virtualmente reflete os aspectos pouco promissores da realidade palpável. Pois, através da rede, o homem comete ilícitos, propaga mensagens de conteúdo prejudicial, viola direitos fundamentais dos demais usuários, ou seja, dissemina discursos de ódio, o qual pode ser entendido como “uma manifestação segregacionista, baseada na dicotomia superior (emissor) e inferior (atingido) e, como manifestação que é, passa a existir quando é dada a conhecer por outrem que não o próprio autor.”¹⁹

A fim de formar um conceito satisfatório, devem ser aprofundados esses dois aspectos, começando pela externalidade. A existência do discurso de ódio, assim toda expressão discursiva, exige a transposição de ideias do plano mental (abstrato) para o plano fático (concreto). Discurso não externado é pensamento, emoção, o ódio sem o discurso; e não causa dano algum a quem porventura possa ser seu alvo, já que a ideia permanece na mente de seu autor. Para esse caso, é inconcebível a intervenção jurídica, pois a todos é livre o pensar.

¹⁸ G1. Facebook atinge marca de 1 bilhão de usuários todos os dias. Grupo Gay da Bahia. Assassinato de homossexuais (lgbt) no Brasil: relatório 2014. Acesso em: 15 set 2017.

¹⁹ SILVA, Rosane Leal da; NICHEL, Andressa; MARTINS, Anna Clara Lehman; BORCHARDT, Carlise Kolbe. Discurso de ódio em redes sociais. *Revista de Direito FGV*, São Paulo, n. 7, v. 2, jul./dez 2011. Ps 445-468.



Desse modo, nas palavras de Jeremy Waldron²⁰, o problema começa e se instaura quando o pensamento ultrapassa esses limites dando lugar à duradoura presença da palavra publicada. Nessa situação, o discurso existe, está ao alcance daqueles a quem busca denegrir e daqueles a quem busca incitar contra os denegridos, e está apto para produzir seus efeitos nocivos, quais sejam: as violações a direitos fundamentais, o ataque à dignidade de seres humanos. O discurso de ódio manifesta discriminação, ou seja, desprezo por pessoas que compartilham de alguma característica que as torna componentes de um grupo. Essas pessoas são referidas como inferiores, ou ainda, parafraseando Waldron, são tidas como indignas da mesma cidadania dos emissores dessa opinião.

Enfatizando esse teor discriminatório, tem-se a definição de Winfried Brugger para este tipo de discurso, pois “[refere-se a] palavras que tendam a insultar, intimidar ou assediar pessoas em virtude de sua raça, cor, etnicidade, nacionalidade, sexo ou religião, ou que têm a capacidade de instigar a violência, ódio ou discriminação contra tais pessoas”.²¹

Portanto, é nas entrelinhas e nos desvios de condutas que aparecem os discursos de ódio propagados e compartilhados nas redes sociais, pois os usuários que praticam tais atos acreditam que estão protegidos pelo anonimato que supostamente a oferece. Assim, baseados nessa suposta “invisibilidade online”, os usuários promovem ataques pessoais a pessoas comuns e a personalidades que se destacam na sociedade, mas principalmente, as pessoas que se encaixam em grupos de maior vulnerabilidade. Entre esses grupos em posição de vulnerabilidade, os transexuais são as principais vítimas dos discursos de ódio nas redes sociais, assim, por se tratar do tema principal deste trabalho, trataremos desse assunto com maior precisão no próximo tópico.

2 O DISCURSO DE ÓDIO NAS REDES SOCIAIS E A CONSEQUENTE VIOLÊNCIA CONTRA TRANSEXUAIS

²⁰ idem

²¹ BRUGGER, Winfried. Proibição ou proteção do discurso do ódio? Algumas observações sobre o direito alemão e o americano. *Revista de Direito Público*, v. 15 n. 117, jan/mar 2007.



Nos últimos anos, o número de pessoas conectadas tem crescido de forma vertiginosa e, conseqüentemente, a utilização das redes sociais virtuais tem ganhado seus dias de fama. Com isso, o cotidiano de muitos sujeitos-navegadores passou a ser discursivizado na rede com o efeito de relatar experiências pessoais, trocar e divulgar informações de uma localidade ou comunidades específicas, fazer falar posicionamentos sobre temas cotidianos e ainda estabelecer laços afetivos. Esse formato promoveu a abertura aos processos de convergência tecnológica e midiática no qual o sujeito passa a interagir através dos diversos dispositivos de forma instantânea, e reunir diversas informações provindas de diversos tantos outros lugares e transmiti-las de forma veloz e de modo desterritorializado.

Entretanto, todo esse processo também tem gerado conseqüências, pois através dessa propagação de mensagens instantâneas alguns sujeitos tem se aproveitado da 'invisibilidade' proporcionada pela para propagar discursos de ódio, com conteúdos prejudiciais a certos sujeitos, violando os direitos fundamentais de muitos usuários. Os usuários mais atacados por esses discursos de ódio que manifestam discriminação e desprezo, são grupos vulneráveis socialmente, como os transexuais, que a cada dia são vítimas dos mais terríveis ataques na .

Assim, para melhor entendimento, cabe aqui um conceito do que se entende por transexual, de modo que Diniz, citada por, L. Araújo²², define o transexual como

1. Aquele que não aceita o seu sexo, identificando-se psicologicamente com o sexo oposto [...] sendo, portanto, um hermafrodita psíquico [...]
2. Aquele que, apesar de apresentar ter um sexo, apresenta constituição cromossômica do sexo oposto e mediante cirurgia passa para outro sexto [...]
3. [...] é o indivíduo com identificação psicosssexual oposta aos seus órgãos genitais externos, com o desejo compulsivo de mudá-los [...]

Já na conceituação de Vieira²³,

o indivíduo que possui a convicção inalterável de pertencer ao sexo oposto ao constante em seu Registro de Nascimento, reprovando veementemente

²² ARAUJO, Luiz Alberto David. **A proteção constitucional do transexual**. São Paulo: Saraiva, 2000.

²³ VIEIRA, Tereza Rodrigues. Adequação de Sexo do Transexual: aspectos psicológicos, médicos e jurídicos. **Revista Psicologia - Teoria e Prática**: São Paulo, v. 2, n. 2, 2000, p. 88-102. Disponível em: <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/ptp/article/view/1113/822>>. Acesso em 14 set 2017.



seus órgãos sexuais externos, dos quais deseja se livrar por meio de cirurgia.

A partir destas conceituações pode-se observar que estes sujeitos que apresentam uma “incompatibilidade entre o sexo biológico e a identificação psicológica”²⁴, ao apresentarem estas duas características juntas, é que são definidos pela sociedade como pertencedores da transexualidade. O simples fato de possuírem essa incompatibilidade faz dos transexuais a cada dia vítimas dos mais diversos discursos de ódio nas redes sociais. Porém, essa discriminação tem ultrapassado os limites da e se materializado em violências físicas.

Para confirmar tal afirmação, seguem dados do relatório anual do Grupo Gay da Bahia²⁵, uma organização nacional dedicada a combater a violência contra LGBT brasileiros, segundo a qual houve um aumento de 21% em assassinatos de pessoas LGBTs entre 2011 e 2012, elevando o número total de vítimas de 266 para 338. De modo que, conforme CAZARRÉ,

entre janeiro de 2008 e março de 2014, foram registradas 604 mortes no país, segundo pesquisa da organização não governamental (ONG) Transgender Europe (TGEU), rede europeia de organizações que apoiam os direitos da população transgênero.²⁶

O que nos leva a afirmação de que “o Brasil é o país que mais mata [...] transexuais no mundo”. Sendo que, para os especialistas esses casos de opressão e violência física são incentivados por discursos intolerantes praticados nas redes sociais. O exemplo mais conhecido de violência contra transexuais é o caso Verônica Bolina: a transexual que foi violentamente agredida por policiais, Bolina teve os cabelos cortados, a roupa rasgada, o corpo exposto e marcado por operadores da lei, e tudo isso dentro de uma delegacia.

Depois que vi a foto de Verônica Bolina, fui invadida por uma sensação de tristeza sem nome. Uma mulher negra, com seios expostos, o rosto completamente deformado por agressões de policiais, cabelos cortados,

²⁴ ARAUJO, Luiz Alberto David. **A proteção constitucional do transexual**. São Paulo: Saraiva, 2000.

²⁵ CAZARRÉ, Marieta. Com 600 mortes em seis anos, Brasil é o que mais mata travestis e transexuais. Disponível em: < <http://agenciabrasil.ebc.com.br/dire>>. Acesso em: 17 set 2017.

²⁶ idem



estirada no chão. Essa cena aconteceu dentro de uma delegacia, portanto, eram os operadores das normas legais os responsáveis pelo desejo, encarnado em cada hematoma no corpo de Verônica, de matá-la [...] O corpo de Verônica é um arquivo vivo.²⁷

O caso de Verônica Bolina repercutiu amplamente nas mídias, comprovando o que todos já sabem: a violência contra as pessoas trans é uma realidade brasileira. E que os maiores responsáveis por grande parte das agressões são os policiais, conforme apontaram diversas pesquisas, pois “é das relações sociais mais difusas que o Estado retira sua legitimidade para matar as pessoas trans”.²⁸

Outro exemplo, dessa discriminação ocorreu dentro de uma instituição pública, é o caso da adolescente transgênera que teve 2 fotos e a ficha de seu alistamento militar postados na web por um cabo que participava do processo.

Uma transexual de 18 anos denunciou ter sido constrangida em um processo de alistamento militar em Osasco, na região metropolitana de São Paulo. A estudante de administração Marianna Lively, de 18 anos, disse que teve fotos dela e de seus documentos pessoais - com seu nome de nascimento e telefone - tiradas e depois vazadas em grupos de WhatsApp por um cabo que participava do processo, no quartel do complexo militar de Quintaúna, no bairro do mesmo nome. O episódio [...] foi registrado em boletim de ocorrência [...] Foram publicadas três imagens nas redes - duas que mostram a jovem em pé em um pátio do quartel, e o outra do certificado de alistamento militar [...] De acordo com ela, o documento já estava em posse dos servidores do Exército, que precisavam assiná-lo antes de liberá-la.²⁹

Ao passo que, outro caso notório ocorreu em 2016 com “a morte do ambulante Luís Carlos Ruas, espancado na noite de natal por dois homens, em uma estação de metrô em São Paulo, ao defender moradores de rua e travestis”.³⁰ Mas os casos de violência foram muito além, e em 8 (oito) de agosto a Polícia Militar do Mato Grosso encontrou um

²⁷ BENTO, Berenice. A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: **Garamond**; 2006.

²⁸ idem

²⁹ TOLEDO, Luiz Fernando. Transexual denuncia constrangimento em alistamento militar em Osasco. **O Estado de São Paulo**, set. 2015. Disponível em: <<http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,transexual-denuncia-constrangimento-em-alistamento-militar-em-osasco,1770790>>. Acesso em: 17 set 2017.

³⁰ AGÊNCIA BRASIL. **Homicídios de gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais deverão ter recorde em 2016**. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/policia/noticia/2016/>>. Acesso em: 17 set 2017.



corpo estirado na entrada de uma fazenda em Cuiabá: “era o da travesti Tiffany Rodrigues, 23. Segundo a perícia, antes de ser morta por estrangulamento, ela foi torturada, levou pancadas na cabeça e teve seus órgãos genitais queimados com cigarro”³¹. Este é um dos casos que comprova os dados da Rede Trans Brasil, instituição com sede no Rio de Janeiro, responsável por apurar a situação de travestis e transexuais no Brasil, o qual nos diz que “das 171 mortes, 45 (ou 26% do total) foram causadas por agressões bárbaras: pauladas, pedradas, mutiladas, estranguladas, queimadas, esquartejadas ou vítimas de agressões físicas até o óbito”.³²

Outro caso que teve muito destaque aconteceu em 2017 com a transexual Dandara: brutalmente espancada e morta em Fortaleza no dia 15 de fevereiro por pelo menos 5 (cinco) homens. O assassinato de Dandara dos Santos, de 42 anos causou muita “repercussão nas redes sociais após o compartilhamento do vídeo que mostra a travesti sendo agredida por um grupo no meio da rua”.³³ O vídeo foi gravado e divulgado nas redes sociais por um dos cinco agressores (dos quais 2 eram adolescentes) e mostra parte de toda a violência sofrida pela transexual.

“Suba, suba! Não vai subir, não?!”, bradam agressivamente três homens, em vídeo, enquanto Dandara, sentada ao chão, mal consegue se mover. Ela chora. Um dos homens tira do pé o chinelo e o utiliza para bater na cabeça dela. Chama Dandara de “viado ‘fêi’”. Chutes e tapas vêm de todo lado em direção ao único alvo. A travesti sangra e tenta subir no carrinho de mão enferrujado apontado por seus algozes. Não consegue. “Sobe logo! A ‘mundiça’ tá de calcinha e tudo”, zomba outro que filma, antes de um quarto garoto aparecer e chutar diretamente o crânio de Dandara. Depois disso, as agressões miram só ali: na cabeça loura-avermelhada que resulta da mistura de cabelo e sangue. Ela tenta levantar. Um quinto homem surge com um pedaço de madeira quase do próprio tamanho e o utiliza para bater repetidas vezes nela, que já não se sustenta. Juntos, os cinco levantam Dandara e a jogam no carrinho. Levam sabe lá para onde. É encerrado com um minuto e 20 segundos o vídeo da tortura.³⁴

³¹ MADEIRO, Carlos. **Crueldade nos homicídios de pessoas trans indica intolerância e "aviso", dizem especialistas**. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimasnoticias/2017>>. Acesso em: 17 set 2017.

³² idem

³³ XEREZ, Gioras; SOBRAL, Viviane. **'Momento de desespero e choro', diz mãe da travesti Dandara, morta no CE**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/ceara/noticia/2017/03/momento-de-desespero-e-choro-diz-mae-da-travesti-dandara-morta-no-ce.html>>. Acesso em 10 abr 2017.

³⁴ SEVERO, Luane. **Travesti é espancada até a morte no Bom Jardim**. Disponível em: <<http://www.opovo.com.br/noticias/fortaleza/2017/03/travesti-e-espancada-ate-a-morte-no-bom-jardim.html>>. Acesso em: 17 set 2017.



Diante dos relatos sobre casos de violência contra transexuais até aqui expostos, ficou evidente que a crueldade está presente em todos eles, o que comprova que a intolerância é um dos agravantes em quase 99% desses tipos de crimes, assim como a vulnerabilidade desses grupos, “que geralmente estão nas ruas em condições mais marginalizadas, envolvidas com prostituição e uso de drogas devido à exclusão sofrida em outros espaços da sociedade”³⁵, conforme Luiz Mott, antropólogo fundador do Grupo Gay da Bahia (GGB). Esta também é a opinião compartilhada por outras organizações de defesa dos direitos das pessoas trans.

O exemplo mais notório dessa intolerância, e de indignação social diante dos diferentes, é a repercussão polêmica que ocorreu após a transexual Viviany Belebony atuar de forma a representar Jesus crucificado durante a 19ª Parada do Orgulho LGBT em 07 de junho de 2015, em São Paulo. Ela só queria protestar contra a homofobia sofrida diariamente pelos transexuais, mas a grande maioria sequer prestou atenção na mensagem que ela tentava trazer. Como ela mesma nos diz, “usei as marcas de Jesus, humilhado, agredido e morto. Justamente o que tem acontecido com muita gente no meio GLS”³⁶.

Nesse sentido, a linha entre uma ameaça virtual, um comentário maldoso, o preconceito e uma ação criminosa é muito tênue. Nas redes sociais, é possível expressar muitos sentimentos, e tornar público tanto o amor, como o ódio e o preconceito. Assim, é imprescindível que as redes sociais sejam utilizadas de forma consciente e que a intolerância deixe de se fazer presente. Respeitar o outro, respeitar o igual e o diferente, simplesmente respeitar.

CONCLUSÃO

Cada vez está mais fácil se deparar com discursos de ódio nas redes sociais, são pessoas que usam dos novos meios de comunicação para quase sempre repetir o que ouvem, sem conferir a veracidade dos fatos. Os discursos de ódio que vem crescendo cada

³⁵ AGÊNCIA BRASIL. **Homicídios de gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais deverão ter recorde em 2016**. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/policia/noticia/2016/>>. Acesso em: 17 set 2017.

³⁶ DANTAS, Carolina. **'Representei a dor que sentimos', diz transexual 'crucificada' na Parada Gay**. São Paulo: G1, 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2015/06/representei-dor-que-sentimos-diz-transexual-crucificada-na-parada-gay.html>>. Acesso em: 16 set 2017.



vez mais não acrescentam em nada, pelo contrário, só fazem perceber o quanto às pessoas são rasas em argumentos que na maioria dos casos estão fundamentados em ideias falsas. O fato de estar atrás de uma tela de computador, celular ou qualquer outro aparelho não deve ser usada como justificativa para a propagação do ódio, como se estivesse em um “mundo sem lei”, sem punições.

Desta forma, é preciso conhecimento e empatia com o próximo, para entender que no mundo convive-se com iguais e diferentes e que é preciso respeitar as escolhas de cada ser humano.

Ataques contra a população LGBT evidenciam a lesbofobia, homofobia, bifobia e transfobia e o quanto estas são presentes no cotidiano, na sociedade. Assim, Qualquer pessoa que se desvie dos padrões heteronormativos recebe uma carga de ódio, reflexo do preconceito arraigado em nossa cultura que tem se mostrado em ações cada vez mais extremas.

Desta forma, é preciso que se lute por um mundo mais igualitário para todas as pessoas, por uma sociedade que reconheça e reveja seus preconceitos, seus privilégios e sua exclusão. Por fim, é preciso resistir.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASIL. **Homicídios de gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais deverão ter recorde em 2016**. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/policia/noticia/2016/>>. Acesso em: 17 set 2017.

ALVES, Carlos Jordan Lapa; MOURA, Sérgio Arruda de. Facebook como panóptico moderno: como a vontade de controle emana do indivíduo. XIII EVIDOSOL e X CILTEC Online, Universidade Estadual do Norte Fluminense jun/2016. Disponível em: <<http://evidosol.textolivre.org>>. Acesso em: 15 set 2017.

_____; PAULO, Tatiana Vantilio. As trincheiras da fala: discurso de ódio no Facebook. **NAMID/UFPB**, Paraíba, ano XIII, n. 04, abr 2017. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/tematica_42>. Acesso em: 15 set 2017.

ARAUJO, Luiz Alberto David. **A proteção constitucional do transexual**. São Paulo: Saraiva, 2000.

BAUMAN, Z. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.



BENTO, Berenice. A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: **Garamond**; 2006.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.

BRUGGER, Winfried. Proibição ou proteção do discurso do ódio? Algumas observações sobre o direito alemão e o americano. **Revista de Direito Público**, v. 15 n. 117, jan/mar 2007.

CAZARRÉ, Marieta. Com 600 mortes em seis anos, Brasil é o que mais mata travestis e transexuais. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/dire>>. Acesso em: 17 set 2017.

CORDEIRO, Marina. O desvio social na rede mundial de computadores. E-GOV: UFSC, abr 2012. Disponível em: <<http://www.egov.ufsc.br:8080/portal/conteudo/o-desvio-social-na-rede-mundial-de-computadores>>. Acesso em 14 set 2017.

DANTAS, Carolina. '**Representei a dor que sentimos**', diz transexual 'crucificada' na Parada Gay. São Paulo: G1, 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2015/06/representei-dor-que-sentimos-diz-transexual-crucificada-na-parada-gay.html>>. Acesso em: 16 set 2017.

G1. **Facebook atinge marca de 1 bilhão de usuários todos os dias**. Grupo Gay da Bahia. Assassinato de homossexuais (lgbt) no Brasil: relatório 2014. Acesso em: 15 set 2017.

MADEIRO, Carlos. **Crueldade nos homicídios de pessoas trans indica intolerância e "aviso", dizem especialistas**. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimasnoticias/2017>>. Acesso em: 17 set 2017.

MAGALHÃES, José Luiz Quadros de; SOUZA, Tatiana Ribeiro. Violência e modernidade. In: ROSÁRIO, Ângela Buciano; KYRILLOS NETO, Fuad; MOREIRA, Jacqueline de Oliveira (Org.). **Faces da violência na contemporaneidade: sociedade e clínica**. Barbacena: EdUEMG, 2011.

SEVERO, Luane. **Travesti é espancada até a morte no Bom Jardim**. Disponível em: <<http://www.opovo.com.br/noticias/fortaleza/2017/03/travesti-e-espancada-ate-a-morte-no-bom-jardim.html>>. Acesso em: 17 set 2017.

SILVA, Rosane Leal da; NICHEL, Andressa; MARTINS, Anna Clara Lehman; BORCHARDT, Carlise Kolbe. Discurso de ódio em redes sociais. **Revista de Direito FGV**, São Paulo, n. 7, v. 2, jul./dez 2011. Ps 445-468.

SODRÉ, M. **Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

THOMPSON, J. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Tradução: Wagner de Oliveira Brandão. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

TOLEDO, Luiz Fernando. Transexual denuncia constrangimento em alistamento militar em Osasco. **O Estado de São Paulo**, set. 2015. Disponível em: <<http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,transexual-denuncia-constrangimento-em-alistamento-militar-em-osasco,1770790>>. Acesso em: 17 set 2017.

VIEIRA, Tereza Rodrigues. Adequação de Sexo do Transexual: aspectos psicológicos, médicos e jurídicos. **Revista Psicologia - Teoria e Prática**: São Paulo, v. 2, n. 2, 2000, p. 88-102. Disponível



8 a 10 de novembro de 2017 - Santa Maria / RS

UFSM - Universidade Federal de Santa Maria

em: <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/ptp/article/view/1113/822>>. Acesso em 14 set 2017.

VEJA ONLINE (Brasil). Facebook, 10 anos. 2014. Disponível em:
<<http://veja.abril.com.br/reportagens-especiais/10-anos-facebook/>> Acesso em: 17 set 2017.

XEREZ, Gioras; SOBRAL, Viviane. '**Momento de desespero e choro**', diz mãe da travesti Dandara, **morta no CE**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/ceara/noticia/2017/03/momento-de-desespero-e-choro-diz-mae-da-travesti-dandara-morta-no-ce.html> >. Acesso em 10 abr 2017.

WURMAN, R. S. **Ansiedade de informação**: como transformar informação em compreensão. São Paulo: Cultura, 1991.